

## NEM MULATA, NEM DOMÉSTICA, NEM MÃE PRETA: ANTROPÓLOGAS NEGRAS, CIÊNCIA E MATERNIDADE<sup>1</sup>

**Alana Pacheco dos Reis Verani**

*Mestranda em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, alanareisverani@gmail.com;*

**Alinne de Lima Bonetti**

*Professora orientadora: Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, alinne.bonetti@gmail.com.*

### Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa etnográfica mais ampla que tem como temática a articulação entre maternidade, carreira científica e antropologia. Aqui, buscamos trazer reflexões que emergiram durante interação com nossas interlocutoras: mulheres negras, antropólogas e mães. Sabemos que as produções intelectuais carregam junto de si a subjetividade e experiências de quem as produz; perguntamo-nos de que maneira se articulam essas experiências na produção de conhecimento quando envolvem a experiência da maternidade, questões raciais e de gênero em contexto racializado e racista como a universidade brasileira. A partir da perspectiva da antropologia feminista, por meio do diálogo com Lélia Gonzalez, Miriam Grossi, Donna Haraway e Sherry Ortner, compreendemos que apesar de haver um projeto de nação que objetifica as mulheres negras, buscando encerrá-las nos estereótipos da mulata, da doméstica e ou da mãe preta como argumentou Lélia Gonzalez, as interlocutoras

1 Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa maior, desenvolvido pela autora, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

desta pesquisa desafiam estes modelos, ao lançarem mãos de diferentes estratégias, afirmando a sua produção intelectual. Se as narrativas das nossas interlocutoras sugerem que não há como dissociar a maternidade de suas produções intelectuais e artísticas, também elas nos levam à compreensão de que suas produções e a sua maternagem são formas de resistência às mais variadas formas de violência - religiosa, racial, de gênero e sexual -, subversão destas posições historicamente determinadas e a sua transformação.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras, Maternidade, Antropologia, Produção Intelectual.

## Introdução

**E**ste trabalho faz parte de uma pesquisa etnográfica mais ampla que tem como temática a articulação entre maternidade, carreira científica e antropologia, na qual busco compreender quais são as implicações que a maternidade traz para o fazer antropológico. Durante a pesquisa me deparei com questões específicas relacionadas às mulheres negras, e algumas delas serão abordadas aqui.

As reflexões relacionadas à imbricação entre fazer antropológico, maternidade e mulheres negras que aqui serão compartilhadas são fruto de diálogo com três participantes da minha pesquisa: três mulheres negras, antropólogas, mães, de faixa etária de 25 à 35 anos. Mas devo dizer que as questões partem não somente do que encontrei no meu trabalho de campo, mas também de minha subjetividade.

Partindo da perspectiva proposta por Donna Haraway (1995) de que os conhecimentos são localizados e da responsabilização pelo o que produzimos, percebo que as discussões que me proponho fazer são corporificadas, no sentido de que é através de meu corpo que partem meus questionamentos e reflexões. Eu, mulher negra cisgênero em um relacionamento heterossexual estável, passei a sentir um grande incomodo com as constantes indagações sobre *quando* terei filhos. Foi a partir do mal-estar gerado por tais questionamentos de terceiros que passei a refletir sobre a maternidade para além de um assunto familiar, mas como uma questão social.

O peso das indagações sobre quando serei mãe se torna cada vez maior a cada fio branco que aparece em meus cabelos crespos, afinal, há quem diga que há o momento certo de ter filhos e talvez eu o esteja deixando passar para me dedicar a uma realização pessoal, o sonho da pós-graduação. Um sonho compartilhado com muitas pessoas negras que veem o caminho da educação como uma oportunidade de virada em suas vidas, e que é possível graças aos que vieram antes e abriram os caminhos para nós.

Devo dizer que para além de um possível conflito entre carreira e maternidade, a maternidade realmente me assusta. Mas o medo que sinto não é pelos problemas que tem sido amplamente debatidos, como o cansaço e o desgaste materno, mas pelo fato de que as crianças negras são alvo de violências que decorrem do racismo desde antes de nascerem, e temo por um futuro incerto em que a cada dia

que passa, nós pessoas negras, temos uma mira de tiro ao alvo em nossas costas. As realidades encaradas pela maternidade negra são outras.

Nas entrevistas com as interlocutoras sobre questões relacionadas à maternidade e carreira científica, percebi o quanto compartilhamos. Foi durante a escrita em meu diário de campo que notei o quanto a nossa identidade de gênero e racial estava presente nas escolhas de temas e problemas de pesquisa. Como Miriam Grossi nos fala “não é o acaso que levou cada um de nós a seguir uma trilha diferente, pois na verdade cada caminho reflete a forma individual e subjetiva do encontro de si mesmo a partir do encontro com o outro” (Miriam GROSSI, 2018, p. 25). Assim, percebi em nossos diálogos, que nossas escolhas de trabalhos e pesquisas eram orientadas pelas nossas subjetividades, e que ao conversarmos sobre o assunto as histórias de vida dessas mulheres estava emaranhadas às suas atuações enquanto antropólogas. Suas produções são localizadas, corporificadas, trazem críticas sociais e questionamentos epistemológicos sobre os saberes, sobre quem conhece e é conhecido.

## Metodologia

A etnografia com o horizonte dado pela Antropologia Feminista foi fundamental para a pesquisa. Como aponta Alinne Bonetti (2011), é através da etnografia que podemos revelar

as complexidades das experiências culturais relativas ao gênero, as variações de sentidos a ele atribuídos, os contrastes entre convenções constitutivas de repertórios e as variadas formas como eles são vivenciados e ressignificados, enfim, as intrincadas relações entre convenções e prática. (2011, p. 59)

A escolha pela etnografia se deve ao fato de podermos nos aproximar da realidade concreta com as interlocutoras, de maneira que o trabalho de campo se dê pela relação construída com as antropólogas (James CLIFFORD, 2008). Através da etnografia podemos alcançar a vida cotidiana e a subjetividade das mulheres que compõem o mundo empírico a ser pesquisado, buscando aspectos sociais que as envolvem (Claudia FONSECA, 1999).

Evidente que há a necessidade de situar as sujeitas da pesquisa em seus lugares sociais e históricos, para que a pesquisa contribua

com uma compreensão sócio histórica da nossa realidade (FONSECA, 1999). Porém queremos ressaltar que os dados obtidos durante a pesquisa, bem como os trabalhos que, como este, vierem a ser produto dela estão sendo feitos com o cuidado e respeito prescritos no *Código de Ética do Antropólogo e da Antropologia*. Sendo assim, aqui neste trabalho foram usados nomes fictícios e dados, que por ventura pudessem minar o anonimato, foram omitidos.

O contato com as interlocutoras foi feito em uma incursão exploratória que fiz para o projeto de pesquisa de meu mestrado. Os contatos foram feitos por meio de um grupo da rede social *Facebook* voltado à maternidade e pós-graduação, e de contatos em um grupo de antropólogas/os negro/as da rede social *Whatsapp*. Das três entrevistas, uma foi entrevista semiestruturada feita por videochamada, foi gravada e teve a duração de duas horas; e duas entrevistas caracterizaram-se como “continuadas” via *Whatsapp*, e trata-se de conversas por áudio ou mensagem de texto. Essa adequação da técnica de pesquisa deveu-se à necessidade de contornar a dificuldade em marcar um horário específico para conversar, o que já denota uma característica significativa do campo de pesquisa.

As “entrevistas continuadas” ou “entrevistas sem fim” foi uma forma de eu não perder interlocutoras pela dificuldade das demandas diárias que elas têm, principalmente no momento pandêmico em que a carga de trabalho dessas mulheres aumentou muito. Preciso dizer que, apesar de ter sido uma maneira de me adequar ao campo, estão sendo as entrevistas que têm me trazido dados mais consistentes porque as mulheres não têm a preocupação em terminar a entrevista para voltar aos seus afazeres, ou porque podem me responder num momento que estão sozinhas, coisa que em nenhuma das entrevistas via videochamada ocorreu. Além da possibilidade de eu criar uma relação para além de uma entrevista, já que estou em contato quase diariamente com elas.

## Referencial teórico

Estereótipos relacionados às mulheres negras foram suscitados pelas interlocutoras, direta ou indiretamente, em variados momentos. Para compreender essas concepções estereotipadas, a autora Lélia Gonzalez (2020) nos foi fundamental, é a partir das ideias apresentadas

pela autora que refletimos sobre as violências sistemáticas que as mulheres negras sofrem e suas bases históricas.

Gonzalez nos apresenta as violências estruturais e sistemáticas a que mulheres negras são submetidas na sociedade brasileira, onde mulata, doméstica e mãe preta continuam sendo os lugares destinados às mulheres negras. Em seus textos a autora demonstra como as mulheres negras são vistas na sociedade brasileira como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente e um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente.

Os três estereótipos trabalhados por Lélia Gonzalez trazem em si a objetificação e exploração do corpo negro feminino ao longo da história brasileira, que não é visto como sujeito, mas objeto. A objetificação ocorre em relações de poder em que identidades, de acordo com Grada Kilomba (2019), “são reduzidas a uma existência de objeto, que é descrito e representado pelo dominante” (p. 15-16).

A lógica do sistema que nos rege, como Lélia Gonzalez aponta, determina um “lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar” (2020, p. 170), mas vemos ao nosso redor a recusa dessas determinações. As três mulheres com quem dialoguei expressam isso nas suas escolhas profissionais, na luta em ascenderem socialmente, na recusa de ficarem em silêncio e também em suas formas de maternagem.

Ao falar sobre maternidade, devemos lembrar que enquanto a idealização do feminino (branco) se dava por meio da maternidade nos séculos XVIII e XIX, mulheres negras eram exploradas sexualmente para reprodução dentro do sistema escravista, como aponta bell hooks (2020). A autora argumenta que “a reprodução era opressora para todas as mulheres negras férteis escravizadas” (hooks, 2020, p.77), e nos mostra que não eram poupadas de castigos, trabalhos pesados e ainda haviam de lidar com seus filhos sendo vendidos ou utilizados para castigá-las ou chantageá-las.

Jade Lobo e Izabela Souza (2019) também abordam a temática da maternidade negra e nos mostram as violências que mulheres negras sofreram e sofrem no contexto brasileiro. As autoras apontam os abusos e maneiras com que os corpos femininos negros foram utilizados em projetos de embranquecimento social no século XX, chegando ao seu ápice em esterilizações em massa nos anos 1980. Mas Lobo e Souza trazem um outro ponto de vista sobre a maternidade negra:

A partir das múltiplas e complexas lutas das mulheres negras, exercer a maternidade e a maternagem, configura-se como um elemento de luta, e resistência, pois, como demonstrado o processo escravista buscou des-humanizar a mulher negra; estuprando, usurpando seus corpos, esterilizando, e distanciando a maternidade de seu domínio. Nesse sentido, enquanto mulheres-negras-mães pensamos os aspectos históricos que reverberam sobre os corpos das mulheres negras, como meio de projetar na encruzilhada histórica possibilidades de (re) existir sobre o porvir.” (Jade LOBO e Izabela SOUZA, 2019, p. 14).

Evocando Conceição Evaristo (2005), as autoras chamam a atenção para o papel transgressor das mulheres negras e de como a família representou uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência, já que são elas que, muitas vezes sozinhas, são as grandes responsáveis pelo grupo. Assim, na concepção das autoras, a maternidade no contexto das mulheres negras quando associada com a luta do gestar e do maternar desejado é relacionada a resistência e

configura-se como um elemento do (re) existir, significada como uma reivindicação histórica. Reconhecer a incidência das opressões de maneira interseccional, considerando, os fatores de gênero, raça, classe dentro do contexto da maternidade/maternagem, nos permite ativar e romper com a lógica de violência e silenciamento do processo colonial. (LOBO e SOUZA, 2019, p. 14).

## Resultados e discussão

As experiências relatadas demonstram um misto de satisfação pessoal com preocupações sobre um futuro incerto. No caso das três mulheres, pude notar que a maternidade foi o guia de seus caminhos, seja pela escolha dos temas de estudos, mudanças de enfoque em temas já estudados e metodologias que pudessem acolher as suas crianças. A presença de seus filhos, embora não estejam escritas no papel, estão presentes na produção e na maneira de produzir. Como podemos ver nesses pequenos trechos:

Para mim era muito massa, sempre, levá-la, e até hoje ela pergunta, ela pede pra eu contar histórias e danças e história dos orixás, pra mim acaba que não

é só um trabalho burocrático a tese e fazer campo, saca? Acaba que, nesse sentido, como eu faço pesquisa com os terreiros, assim, eu quero muito que ela vivencie isso, como mulher negra então, não tem pra mim como ser diferente. (...) Ela não é uma criança de terreiro, ela não frequenta diariamente, que se ela frequentasse seria um ambiente mais familiar para ela, mas acabou que foi se tornando um ambiente um pouco mais familiar, e assim, eu acho que eu fiquei um pouco mais tranquila real quando a gente foi numa festa de erê, e aí começou a chegar um monte de criança, um monte de erê, e ela se entregou completo ali, um monte de corpos adultos, recebendo as entidades erê, e ela simplesmente (a criança fala algo no fundo) brincando, brincando, brincando, ela está com sete anos agora, isso foi em 2018, acho que ela tinha quatro anos. (Tereza, mãe de uma menina de sete anos, entrevista continuada, 22 de fevereiro de 2021).

Eu descobri que estava grávida no [local em que estava fazendo laudos], Dona Graça, uma senhoriinha que me recebeu em casa e me adotou, disse que eu era a filha mais nova dela, e aí ficou uma grande amiga. (...) Fiz essa pesquisa, e um dia eu estava fazendo uma entrevista na casa de uma senhora que inclusive já faleceu. (suspira). Fui fazer entrevista na casa da mulher e aí fiquei tonta, caí sentada no meio da sala, ela olhou para mim e disse “eu sei o que é isso”, e eu disse “é o que?”, ela “não é nada não, venha, tome uma água”, eu fui me embora pra casa, mas ela já sabia né? (Dandara, mãe de um menino de sete anos, 25 de fevereiro de 2021).

Eu fui juntando informações de família, que depois de um tempo se tornaram informações de pesquisa, e aí comecei a pesquisar minha família de linhagem paterna e depois de um tempo de investigação me dei conta que o meu tema de investigação eram as mulheres pretas, as mulheres pretas como líderes, e aí entendi que existia um matriarcado preto que antecedeu meu pai, que durou por pelo menos três gerações, três ou quatro gerações na fronteira entre o Uruguai e o Brasil. (Dandara, mãe de um menino de sete anos, entrevista continuada, 25 de fevereiro de 2021).



Eu digo que a minha vida acadêmica, minha jornada enquanto pesquisadora foi através da minha experiência com a maternidade, porque se eu não tivesse me tornado mãe, eu não iria pesquisar maternidade. (Rosa, mãe de uma menina de 4 anos, entrevista por videochamada, 28 de fevereiro de 2021)

Em todos os casos as crianças participaram do campo juntamente com suas mães, Dandara não só descobriu que estava grávida enquanto estava fazendo trabalho de campo, como continuou ao longo de sua gestação. A ideia de “onde a criança não pode estar, eu também não posso” permeia suas pesquisas.

É interessante ressaltar a importância que as próprias antropólogas dão para a presença dos filhos em seus locais de pesquisa e convivendo com seus interlocutores, como no relato de Tereza, no sentido de isso ser uma experiência muito positiva para eles, assim conhecem realidades diferentes, e tem contato com a diversidade, algo que tomam como fundamental para a maneira com que criam as crianças e seus futuros.

Já em relação aos temas de pesquisa, percebemos que a maternidade traz uma nova forma de olhar para os assuntos já pesquisados, ou acabam por mudar os caminhos das pesquisadoras, como é o caso de Rosa. O interesse em compreender os caminhos percorridos por suas ancestrais, fez com que Dandara acabasse por embarcar em uma nova temática de pesquisa, que pudesse satisfazer anseios pessoais sobre a maternidade negra e matriarcados.

## Considerações finais

Por fim, as antropólogas interlocutoras me apresentaram algo que julgo ser de extrema importância, o fato de elas serem o “outro do outro” que está produzindo conhecimento antropológico. A partir de sua colocação como antropólogas e de seus trabalhos não estão na posição a que outrora eram submetidas, através de suas pesquisas não são o “outro”, mas sim elas próprias, não mais objetos, e sim sujeitas. Ser sujeitas no sentido de definirem a si próprias e definirem a sua própria realidade e levarem sua ótica diferenciada, ou localizada, para seus trabalhos e para a academia, fazendo a crítica que o ambiente acadêmico/científico tanto merecem, colocando o dedo na ferida.

As dificuldades encontradas pelas mulheres negras antropólogas têm raízes históricas, ao analisar os seus relatos, percebo que cada uma tinha sua própria compreensão de como lidar com as violências que sofriam. Tomo a perspectiva de Sherry Ortner (2007) de que embora elas criem estratégias para lidar com as formações culturais, não são completamente livres para agirem sem restrições.

Encontram e trilham seus próprios caminhos para resistirem e continuarem suas produções, mesmo quando sua presença e de seus filhos é negada em salas de aulas, ou quando suas avaliações são prejudicadas sem nenhum motivo e até mesmo quando escutam que não são capazes e deveriam desistir. Suas estratégias são pela via do afeto e da resistência conjunta, em que procuram compartilhar e fortalecer-se pelos seus filhos e com os seus filhos.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2019. **Código de Ética: Código de ética do antropólogo e da Antropologia**, criado na gestão de 1986/1988 e alterado na gestão de 2011/2012. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em 10 de maio de 2021.

BONETTI, Alinne. Antropologia feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. **Cuadernos de Antropología Social**. Buenos Aires, nº 36, pp. 51-67, 2012.

CLIFFORD, James. Prácticas espaciales: el trabajo de campo, el viaje y la disciplina de la antropología. In: CLIFFORD, James. **Itinerários transculturales**. Barcelona: Gedisa, S.A., 2008. pp. 71-121.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária - UFPB, 2005.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.10, pp. 58-78, 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi; SALA, Arianna (orgs.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. pp. 19-27.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5, pp. 07-41, 1995.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempo, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LÔBO, Jade; SOUZA, Izabela. Na encruzilhada da Maternidade Negra. GT 59 - Feminismos Negro e Decolonial. **XIII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul**. Porto Alegre, 2019.

ORTNER, Sherry. “Poder e projetos: reflexões sobre a agência”. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (org.). **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. 25º Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006**. Blumenau: Editora Nova Letra, 2007. pp. 45-80.